

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 12 de Maio de 2010**

Texto de referência «Pode um homem nascer de novo sendo velho?» Exercícios de Fraternidade de Comunhão e Libertação (*Rimini 2010*), *Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milano 2010*.

- . Canto “*Il nostro cuore*”
- . Canto “*Lela*”

«Sem ti não posso viver»: este é o impacto, o ponto sintético da vida. Queria começar lendo duas cartas. São duas reacções aos Exercícios: «Caro Julián, decidi escrever-te estas poucas linhas porque aquilo que aconteceu nestes dias após o regresso de Rimini é uma experiência única na minha vida. Pela primeira vez descobri em mim uma comoção real por todas as coisas que vivo, uso a palavra comoção porque não encontro outra expressão capaz de explicar o espanto cheio de gratidão pelo bem de que sou objecto, e como temperamento não sou propriamente uma pessoa que exprima os próprios sentimentos e emoções por isso aquilo que me acontece é, com toda a certeza, qualquer coisa gerada por um Outro: “renascer de novo”. Esta comoção diante das coisas: dos filhos, da minha mulher, dos amigos, das pessoas com quem trabalho, toda a realidade, que chegou até às lágrimas que literalmente assinalavam os meus olhos pela gratidão da experiência de bem feita em Rimini.

Particpei pela primeira vez nos Exercícios de Rimini [era por isto que vos queria ler] não partindo de uma análise sobre mim sobre o que tu dizias: “Aqui não estou bem, esta coisa ainda não a percebi, mas porquê?”, mas com o passar das horas e ouvindo-te, fui-me descobrindo cada vez mais grato por ter sido agarrado dentro deste Bem, contente e desejoso de mergulhar no mar da vida».

Impressionou-me porque é a descrição literal do início do capítulo décimo d’*O Sentido Religioso*: não é antes de mais uma análise, mas o impacto que provoca o real (neste caso um acontecimento cristão), depois uma pessoa - diz D. Giuss – começa a identificar os rostos, as características das coisas e depois começa a reconhecer o eu. Deixar-se envolver nisto é o acontecimento cristão, e pode acontecer, mesmo chegando aos exercícios céptico e zangado como este outro: «Comecei na Sexta-feira e no Sábado muito céptico, lia aquela frase “Pode um Homem nascer de novo sendo velho?”) e dizia: “Não, não é possível, mas o que é que eu estou aqui a fazer?”. Não conseguia sequer suportar os meus amigos: depois começaste a falar daquele rapaz, daquele que te contestava na aula, também ele era céptico, provavelmente por esta razão fixei-me a ouvir de chofre, parei de tirar os apontamentos que tirava contrariado até àquele momento, e cada vez que falavas eu estava sempre mais fixado, parecia que durava uma eternidade, cada palavra era um estranho convite, belo. Pouco a pouco estava a despertar: “Na tua opinião, a posição mais adequada, para partir para o real é a desconfiança?”. “Claro que é a desconfiança. É tão evidente....Será que pensa que sou tonto.” “Então, de acordo com aquilo que dizes, quando, esta manhã a tua mãe te colocou diante a chávena de café para o pequeno almoço, disseste: Eu não bebo enquanto não a analisar quimicamente para me assegurar que não está envenenada”. Ainda me lembro da reacção do rapaz que, com uma cara irritada, levanta a mão e diz: “Mas há dezasseis anos que vivo com a minha mãe!”. De repente comecei a chorar, que simpatia pela minha irritação, pelo meu cepticismo, há alguém que tem simpatia por mim assim como sou. Voltei ao hotel e já não odiava ninguém, juro que fui atingido por um golpe, não acreditava: “Pode um homem nascer de novo sendo velho?”.”Sim”. Percebi uma coisa: sempre pensei que o problema não fosse uma falta de humanidade, dizia sempre: “Bolas, desejos tenho em barda!”. Mas num homem existe muito mais do que isso: a liberdade. Nunca tinha pensado assim, não basta o desejo de infinito, é necessário querê-lo, é necessário querer renascer. Que

estranho isto: uma pessoa pode não querer o próprio bem; estranho, absurdo, mas absolutamente verdadeiro, eu sou a minha própria testemunha disto, toda aquela dinâmica da liberdade toquei-lhe até às entranhas, na cadeira, não sei porque é que aconteceu assim desta vez, mas assim é muito melhor, não me retirou a dor. Ser querido na dor é melhor do que a dor e basta».

Leio-vos isto no início deste trabalho sobre a Escola de Comunidade porque independentemente da situação em que cada um chega aqui esta noite ou que chegará na próxima, a questão é se mantém uma fresta para deixar-se tocar. O problema não é que devamos ser ótimos ou não nos irritarmos ou não nos cansarmos; nós chegamos aqui como todos, pobres, não é este o problema. O único verdadeiro problema é se eu, quando acontece uma coisa assim, me deixo tocar; não é necessário mais nada, é necessário apenas deixar-se tocar, esta simplicidade da qual falámos (porque agora, como fizemos as lições, temos todos os factores diante de nós e podemos perceber que elemento da vida é que está em jogo diante do real). Comecei assim, esta noite, porque qualquer um de nós deve desejar isto, como diz ele: dever querer renascer.

*Eu queria perceber o que é que quer dizer educação à atenção e à aceitação na circunstância que estou a viver.*

Estamos já na segunda lição ou ainda estamos na introdução?

*Eu sei, mas de facto surge de uma consideração que tu fizeste na Introdução. Quando tu na primeira noite dos Exercícios disseste que Cristo ressuscitado é a nossa esperança, eu dei-me conta que para mim não era uma coisa verdadeira. Conto-te um facto em que isto se tornou evidente. Mesmo na noite antes de partir para os Exercícios estava na festa de doutoramento de uma colega minha (eu trabalho na universidade e fiz um doutoramento); estava rodeada de imensos amigos que a festejavam, estava contente, serena porque agora tem uma bolsa de investigação que lhe permite continuar a fazer o trabalho de investigação na universidade, tem um namorado...A uma certa altura, imersa na festa, começo a alhear-me e comecei a pensar que tinha inveja dela, porque neste momento tem tudo aquilo que eu desejo, mas que a mim não me é dado (não tenho a possibilidade de continuar a investigação que queria fazer, a minha vocação não está de todo clara, por vezes parece-me que as amizades faltam).*

*Experimentei um sentimento de espanto e pensei para comigo: «Bah!, eu posso dizer que tenho Jesus» (ela declara-se ateia), contudo, no momento em que dizia e pensava isto «eu tenho Jesus», dei-me conta que não era verdadeiro, que era falso, que naquele momento para mim Jesus não vencia, não vence. Estou como no ponto de partida a que te referias na primeira noite dos Exercícios, que a mim, toca-me fazer aquele trabalho que tu dizias. Eu, porém, desejo perceber o que é que, para mim em concreto, quer dizer nesta circunstância que estou a viver; tu insistias na falta do humano, mas a mim parece-me que coloco o meu humano todo em jogo, falavas da educação à atenção e à aceitação, o que é que eu não estou a aceitar?*

*Porque a mim parece-me que ponho em jogo os desejos que são estruturais, fundamentais: a perspectiva de trabalho, a vocação, os amigos. Eu preciso de uma ajuda, porque dou-me conta que de outra forma a vida é um aborrecimento, e isto vê-se até de fora e a mim entristece-me porque Jesus veio para mudar a vida.*

Muda-a como vimos. Agradeço-te porque esta intervenção torna-nos todos verdadeiramente conscientes do início dos exercícios, ou seja do trabalho a fazer (chegaram-me tantos outros testemunhos deste tipo, que agora não leio porque o problema já está claro). Porquê? Porque isto é um exemplo daquilo que dizíamos: «Cristo ressuscitou! [...] Este é o acontecimento que domina a história, um evento que nenhum erro nosso ou dos nossos irmãos pode eliminar e que todo o mal que possa acontecer não pode cancelar. [...] Não há maior novidade [nem sequer a festa de doutoramento da tua amiga], nunca houve uma novidade maior do que o facto que Cristo ressuscitou [...] Encontramo-nos juntos estes dias para vivê-los debaixo da

pressão desta comoção [...]. Aconteceu: que luz, que lufada de ar, que esperança traz à vida este facto! [...] É a Sua presença vitoriosa no meio de nós que nos impele a continuar o nosso percurso para procurar superar cada vez mais a fractura entre saber e crer, para que este facto reconhecido pela fé determine mais a vida do que tudo o resto. Se, pelo contrário, este facto permanecesse só a nível pio ou devoto, seria como se não tivesse existido, como se não tivesse toda a densidade de realidade para mudar a vida, para incidir sobre a vida; e então permaneceríamos determinados por tudo o resto [por tudo aquilo que vemos que não está bem], que nos arrasta, que nos confunde, que nos desencoraja, que nos impede de respirar, de ver, de tocar com a mão a novidade que Cristo ressuscitado introduziu». É a documentação do percurso que é preciso fazer, porque estamos diante de uma alternativa: ou Cristo não ressuscitou, e então é melhor que o digamos já e vamos dormir, ou ressuscitou verdadeiramente. Mas isto parece que não toca a nossa vida como um facto real. Esta é a questão: a fractura entre aquilo que eu afirmo como dado e aquilo que eu percebo. E os Exercícios inteiros foram a tentativa de oferecer o percurso que nos devemos acompanhar a fazer ao longo destes meses para vencer esta fractura. Porque, como vês, é só se tu estás determinada pela Ressurreição que te tornas livre de todas as invejas; quando vives uma experiência de plenitude, podes passar sem o resto. Sem fazer este percurso que nos sugere o D. giussani, permanecem o vazio, o hiato, não porque Cristo não tenha ressuscitado – isto não depende de mim nem de ti, aconteceu, ponto! – mas porque não determina ainda a vida, porque é como se não tivesse a densidade de realidade que tem qualquer outra coisa que toques. Se tu tivesses a mesma consciência existencial de Cristo ressuscitado, como tinham Pedro e Madalena, na festa da tua amiga tu terias pensado: «que pena que ela celebre só esta festa, porque há outra muito mais bela». Porque sem Cristo ressuscitado quanto tempo lhe durará a alegria que agora invejas, da qual tens ciúmes? quanto tempo? Mas tu não participaste em tantas festas na vida? E quantas vezes te aconteceu surpreenderes-te a dizer: «Quanto dura?» Nós queremos que não acabe mal, não esta ou aquela festa, mas a festa total da vida! Se estamos disponíveis a este percurso, veremos o que acontece. Espero que tu, daqui a umas semanas, mo digas.

*No dia 16 de Maio temos o crisma do meu filho. Mal soubemos de Roma, pedimos em todas as paróquias da minha região para mudar de data, mas não havia hipótese e portanto arquivámos a “coisa”. Depois, domingo à noite, voltando a casa vindos dos exercícios, estava a beber o café com a minha mulher e dissemos: «Mas a nós o que é que nos interessa? Claro, responder àquilo que o Mistério nos está a pedir, mas temos a certeza que tentámos tudo?». Tendo visto que para o nosso filho não havia problema, pensámos tentar nas paróquias mais longínquas e por fim, com algumas peripécias, conseguimos adiar o crisma; com as mesmas peripécias mexemo-nos ontem para encontrar maneira de ir a Roma, e assim nela minha família vamos os cinco em cinco transportes diferentes e no final das contas o dinheiro não vai ser um problema. Hoje continuava a perguntar-me: «Porque é que fiz isto?». E respondi-me com aquela simples frase que te ouvi dizer há um ano: «Se uma coisa te interessa, corre»; parece-me que o meu coração me leva como alguém que está apaixonado, que vai pela estrada para ir ter com ela, não conhece obstáculos. Uma pessoa corre se há um homem vivo, que te espera; eu quero ir a Roma abraçar o meu pai, e a maior descoberta que posso fazer hoje é que começo a intuir que posso saborear a minha vida dentro dentro da obra que Outro faz, pelo que a minha vida se está a tornar mais simples, porque bastaria simplesmente estar diante de como Ele está a acontecer (depois eu complico-a sempre, porque quero sempre pôr a minha parte).  
Exacto.*

*Percebo que neste momento a coisa mais importante que o movimento nos está a indicar é o gesto de domingo em Roma; e percebo que o meu risco é o de aderir a uma proposta de maneira cega – é preciso fazer isto -. Eu, pensando no que*

*aconteceu no encontro com do Papa com os movimentos há uns anos, domingo em Roma não quero perder a possibilidade para mim. Queria pedir-te uma ajuda para não perder nada.*

Ligado a isto, leio-vos um e-mail que me mandaram. «Depois do teu convite para irmos à peregrinação a Roma, que fizeste nos exercícios, eu decidi imediatamente aderir, mudando todos os planos, porque a proposta era para mim; não podia delegar, porque renunciar teria sido um não querer-me bem. Agora dou-me conta que a questão em jogo vai bem além do simples confiar em ti (ou seja de alguém a quem queres bem e que para ti é como um pai), mas que também esta peregrinação é antes de mais para verificar a pertinência da fé às exigências da vida, como nos repetes sempre. Eu parto para Roma com este pedido: “Quem és Tu, Cristo, que me fazes mover assim, que fazes mover assim um povo inteiro?”. Sem isto, às vezes parece-me que o simples seguir não é uma verdadeira obediência». Sobre isto conto-vos um episódio que me aconteceu a semana passada e que é exemplificativo de tantas conversas que eu e outros tivemos. Exactamente no dia em que tinha aulas na Católica, pouco antes o D. Pino tinha feito uma reunião com todos os rapazes da comunidade que ainda não se tinham inscrito para Roma, voltando a dar-lhes todas as razões e desafiando-os de forma comovente. Eu vim a sabê-lo porque durante as pausas entre uma hora e a outra, muitos vieram ter comigo para discutir – reagindo ao que o D. Pino tinha dito – se haviam de ir ou não. Então fui obrigado a dar as razões, e veio-me à cabeça um exemplo que quero contar-vos, porque depois dos Exercícios é mais fácil identificar a dinâmica do nosso mover-nos. Uma rapariga disse-me: «Dei catequese às crianças da primeira comunhão durante um ano inteiro, a celebração é precisamente nesse domingo e, portanto, parece-me normal ficar cá». Estão a ver? Primeiro reduz-se a realidade, na primeira abordagem da liberdade, e depois decide-se com base numa realidade já reduzida. Não precisava de lhe dar muitas explicações sobre o gesto de Roma, já as tinha ouvido todas, mas disse-lhe: «Se o teu pai tivesse um acidente nesse dia, tu ias à primeira comunhão?» Ficou desarmada, porque percebeu que face a uma razão deste calibre mudava a perspectiva toda. Eu insisti: «Estás a ver? O teu problema é que a razão que o movimento te oferece para ir a Roma não tem força suficiente, não é suficiente para tornar razoável o não ir à primeira comunhão e para dizer às tuas crianças que tens uma coisa mais importante que fazer e que isso coincide com o bem delas. Perante estas coisas eu não quero agora decidir por ti, digo-te: vê bem se a razão que o movimento te dá é realmente suficiente ou não para ir». A liberdade desta rapariga não conseguia pôr-se em acção correctamente porque não tinha ainda compreendido o alcance do gesto e, portanto, punha-o ao mesmo nível dos compromissos da catequese. Estão a ver? A liberdade joga-se na descoberta do real. Se eu na descoberta do real reduzo o real, o que é que sucede? Que a minha liberdade decide com base numa realidade já reduzida, entra em conflito com alternativas em si mesmas incomparáveis. Então não sabemos o que decidir. A questão é perceber o alcance da realidade. Há alguns dentre nós que tinham feito reservas para ir ver o Santo Sudário e que as cancelaram; e alguns de nós que irão ver o Santo Sudário enquanto nós estaremos em Roma. Mas eu pergunto-vos: será que nos interessávamos pelo Santo Sudário, ou por tantas outras coisas da vida cristã, se não tivéssemos encontrado o movimento? É clara a contradição? Quem procede assim não irá vencer a confusão mais total porque, ainda que afirmem aspectos até belos e verdadeiros, isso não basta para conservar a pessoa unida ao núcleo central da fé. Por isso, nós temos de ajudar-nos a perceber por que vamos a Roma: não vamos a Roma para apoiar o Papa, que não precisa do nosso apoio – basta e avança o Espírito Santo: «Estarei contigo para que tu possas sustentar os irmãos», diz Jesus a Pedro –, mas porque nós precisamos do Papa! Nós queremos ser sustentados por ele, queremos pedir a Deus que vença sempre o vínculo com o ponto histórico do Papa, que impede que nos desorientemos e caiamos na confusão mais total. Como ensina o protestantismo, basta retirar este ponto histórico, por si só absolutamente frágil, e vai tudo pelos ares. Nós vamos para pedir

isto, que o Senhor e a Virgem Maria nos concedam manter firme este vínculo. A quem, dentro e fora da Igreja, pensa com estes ataques conseguir cortar este vínculo, nós queremos dizer com a nossa razão, com a nossa liberdade, com a nossa adesão, com a nossa oração, com o nosso clamor a Cristo, que este vínculo para nós é sagrado! É por isso que vamos a Roma, porque está em jogo a fé; não é um gesto beato, não é um gesto entre outros, não é uma excursão; é que quando tentam desligar-nos de Pedro nós dizemos não. Claro? É suficientemente razoável? Cada um que decida; como vêem, perante uma proposta desta envergadura, a todos nos é exigido pôr a funcionar a razão e a liberdade, não é um simples subir para a passadeira rolante, mas é dar-nos as razões para verdadeiramente ir ter com o Papa com toda a consciência e todo o pedido dentro: o Senhor nos ligue a este ponto no qual está – como dizíamos da outra vez – a âncora histórica da nossa fé!

*Frequentei pela primeira vez os Exercícios da Fraternidade e foi uma experiência de tal maneira transbordante que desejei estar aqui esta noite. Depois dos Exercícios, a pergunta que tinha anteriormente – lendo a Escola de Comunidade sobre a assembleia da caridade – em qualquer o caso ficou. Num dos momentos mais difíceis da minha vida, no qual tinha de tomar decisões muito importantes, uma rapariga a quem dou assistência através do Banco Alimentar pediu-me que fosse ter com ela «independentemente do cabaz de mantimentos». Isto já me tinha impressionado, mas eu estava de tal forma dentro dum apocalipse que lhe respondi um vago: «Sim, sim, vemo-nos em breve». Depois, atormentada e distraída pelos meus problemas e sempre com demasiado pouca fé na graça do Senhor presente, esperei um bom bocado, esperei de mais. Quando me decido a ir vê-la, encontro-a pronta para dali a vinte e quatro horas ir abortar o terceiro filho do terceiro pai diferente. Já tinha ido à consulta de anestesia. Ela tinha-me chamado e eu não respondi, Cristo tinha-me chamado e eu ofereci resistência: não respondi. Uma dor aguda, um grande desespero invadiu-me e depois a oração a implorar perdão: «Peço-te, Jesus, ajuda-me, eu vi-Te, agora vejo-Te realmente». Procurei os amigos todos que me podiam dar uma mão: propostas, soluções, colaborações, a promessa dum partilha. Deixo para trás tudo o resto. Bem, há uns dias eu e os meus amigos estivemos no baptizado deste bebé a quem ela quis chamar Pedro. «Vou chamar-lhe Pedro, como o chefe da Igreja». Nós estivemos lá com ela e todos os familiares dela (ex-presidiários, toxicodependentes, há de tudo), e depois o fogo de artifício, a festa com karaoke... Que milagre, meus amigos, o Senhor está sempre em acção em toda a parte, nada O detém com tal de conquistar o nosso coração. Ontem de manhã antes de ir trabalhar, enquanto arranjava uns pimentos, disse: «É estranho como nestes dias se suporta melhor o frio e a chuva; no Inverno agasalhas-te bem, estás quase resignado à ideia do céu encoberto; nestes dias, já despidos e quase alucinados por aqueles primeiros dias de calor e de sol que nos dispuseram para a hipótese do Verão, estamos prontos para tudo. E com que coragem nos contentamos com um leve raio de sol, continuando a ter de vez em quando escancaradas as janelas da casa». Ri-me por me poder surpreender a pensar nisto, não porque eu tenha endoidecido em relação ao Verão, mas é imediata a semelhança com o que estou a viver: estou despida, quase nua, porque não tenho dinheiro, tenho uns filhos saídos da casca, mas já não me importa, estas coisas passaram a ser pormenores absolutamente marginais porque sei – tenho a certeza e é indiscutível – que dum momento para o outro há-de explodir o Verão, carregado de tudo aquilo que desejava e nada mais te faltará. E apesar do desconforto da minha nudez, amanhã, daqui a nada – agora que estou a vivê-lo – a luz e o calor do Verão vão dar-me tudo o que eu preciso. Tudo isto, querido Carrón, parece-me fantástico...*

Parece-te ou é?

É: é o cêntuplo; não é um delírio místico, porque isto já dura há três anos.

Tu tens pouco delírio místico, parece-me a mim.

*Então, na assembleia sobre a caridade leio que «a caridade é justa, a tal ponto que dá cem vezes mais já aqui, mas tu não o fazes para conseguires cem vezes mais: se te pões com cálculos para conseguires cem vezes mais, queima-se até o pouco que tens». Ora bem, eu aqui assustei-me, porque experimento o cêntuplo todos os dias, e parecia-me desumano não desejá-lo...*

Não podes não desejá-lo. A questão é que quando estás sob a pressão desta comoção, tens uma relação com o real gratuito e procuras o proveito.

*Eu tenho uma pergunta: que relação existe entre o facto de a vida ser um caminho (em parte já aludiste a isto nos Exercícios, mas quero percebê-la bem) e o facto de a verificação ser no instante da relação com o real? Porque eu noto que há muitos instantes em que posso dizer que este Tu domina, e posso dizer também que há muitos instantes em que este Tu não só não domina como não o deixo sequer entrar no horizonte. E noto que a redução da criatura nova a uma irrepreensibilidade ética em mim, muitas vezes, não só é uma coisa que me abate moralmente, mas também se converte numa justificação para não fazer o trabalho; é como se, no fundo no fundo, (não o explícito teoricamente porque sei que seria ridículo fazê-lo) o pensamento subjacente fosse: mais uma vez não fui capaz. A observação está ligada a quando tu dizias que a acusação de hipocrisia é a coisa mais adequada, porque o problema não é de inteligência mas de moralidade, ou seja, de disponibilidade. Ora bem, muitas vezes é como se eu os factos que acontecem, que são o sinal da Sua presença, eu os julgasse com uma razão e uma liberdade já desligada da relação com Cristo, fora da relação com Cristo, e dou-me plenamente conta que é uma chatice, porque concebo a relação com Cristo como se não O tivesse conhecido, apesar de O ter conhecido. Estudando a Escola de Comunidade veio-me à memória uma resposta que Giussani dá: «Nenhum de nós consegue ser ele próprio [...] se não estende a mão e implora a Deus que, tendo-o criado, o realize». Nos Exercícios percebi-a como uma questão existencialmente muito dramática: que a dificuldade não é que eu não tenha feito o encontro, mas é que, no instante, me concebo fora da relação com Cristo.*

Mas isso que quer dizer? Qual é a diferença entre a criança que comete um erro e o adulto que comete um erro? É que a criança não interrompe este vínculo, não consegue sequer ver o seu erro sem vê-lo abraçado pela mãe no instante a seguir. Em vez disso, o que é que sucede connosco? Que pensamos que, no fundo, temos de nos governar sozinhos. Não pertence à percepção habitual de nós mesmos aquilo que para a criança é evidente: que não se governa. Para nós esta nossa fragilidade é como uma etapa a ultrapassar. E pensamos que, assim como nos irritamos connosco, também o Mistério se irrita connosco, projectamos n'Ele a nossa medida pessoal. E assim interrompemos o vínculo. O que é que sucede logo que alguém te faz mal? Introduce-se uma distância; acontece até com a pessoa de quem mais gostas. Isto é propriamente o mal dos males: ferir ao nível do vínculo que nos introduz ao conhecimento verdadeiro. Por isso, a verdadeira questão não é não cometer erros – se fosse não cometer erros estávamos feitos –, o problema é que o nosso vínculo seja mais forte, determine a vida mais do que o nosso olhar parcial. Vemos isto em Jesus: o mal que Jesus sofre não alcança o objectivo de separá-lo do Pai. Exactamente como gostaríamos de separar-nos do Papa; não hão-de conseguir, não porque sejamos melhores, mas na medida em que pedimos que prevaleça a Sua presença sobre toda e qualquer possibilidade de errar.

*Eu também te quero falar de Roma. Somos uma família com quatro filhos. No Domingo há o Crisma das crianças e o meu terceiro filho vai receber o Crisma. Perante isto a minha mulher e eu decidimos logo e demos como certo que não se iria a Roma. A questão alterou-se porque no domingo passado a segunda filha nos disse que queria ir a Roma. Sabendo da afeição que liga os meus filhos entre eles, fico bastante espantado com esta decisão, mas comento com a minha mulher que, se a sua liberdade lhe faz dizer «Vou», é importante que vá (afinal de contas, penso para comigo, a filha mais velha não vai e fica em casa para nos ajudar a viver o gesto do Crisma). Na segunda-feira ao jantar também a filha mais velha nos diz que queria ir a Roma com os amigos, dando-nos as mesmas razões que tu deste antes. Nessa altura eu e a minha mulher não tivemos alternativa senão render-nos a desta Presença que se afirmava, e percebemos que a grandeza do gesto de Roma era maior que qualquer outro projecto nosso, e que o «sim» das minhas filhas coincide com o «sim» do meu filho a acolher o Espírito no Crisma.*

Obrigado. Então vemo-nos em Roma.

Para trabalhar sobre os Exercícios, para começar a retomar tudo o que dissemos, é preciso partir da pergunta ou da ferida que temos dentro, como vimos; porque se não censurarmos a pergunta vamos compreender muito melhor do conteúdo do texto. De facto, quando temos uma pergunta, uma urgência na vida, estamos compenetrados no trabalho. Quando escutamos os amigos, quando ouvimos contar algum episódio, se temos uma preocupação e estamos abertos, tudo nos diz mais. É necessário o humano para compreender, e então tudo se torna parte da aventura do conhecimento e, por isso, do significado. Não tenhamos pressa de impingir as respostas, deixemos em aberto as perguntas para que a resposta venha da vida, da leitura, da experiência, de forma que sobressaia a conveniência da fé nas exigências da vida. Saiu com a *Tracce* de Maio o livrinho do Exercícios da Fraternidade. A *Tracce* é um exemplo dum olhar sobre a realidade nascido da experiência do movimento. Ensimismar-se, lê-la, não só para saber as notícias mas para saber como são contadas, para aprender um olhar, compenetrar-se com a modalidade deste olhar ajuda a aprender um olhar, ou seja, um juízo diferente, também sobre as demais notícias que nos chegam e nos impressionam, dos jornais, da televisão, etc., e a não estarmos desarmados perante estas notícias sem saber reagir da maneira adequada. Num dos e-mails que mandaram, uma pessoa dizia que o trabalho que estávamos a fazer a encontra menos desarmada diante da realidade, e como aqui não podemos abordar todas as questões, começar a identificar-se com aquele olhar no modo de ver as coisas que todos vêem é uma parte desta educação para vencer este dualismo, esta fractura entre o saber e o crer. O que a mim me interessa é que a pessoa não fique desarmada mas que se seja capaz de julgar porque, se julgar, então sabe distinguir o que há de verdadeiro, o que há de real, o que há de atendível ou não atendível numa notícia que ouve. A *Tracce* é um instrumento fundamental para aprender este olhar, e o editorial é uma ajuda para compreender bem as razões da nossa ida a Roma para estar com o Papa a 16 de Maio no *Regina Coeli*.

Vemo-nos todos em Roma; agora rezemos, todos os presentes e os que estão a assistir via satélite.

□ Glória